

SOTERRAMENTOS, RAÍZES E RAMIFICAÇÕES – COMO CULTIVAR FUROS EM MUROS?

Rafael Limongelli¹

Resumo: Esse artigo é inspirado no último movimento da dissertação de mestrado “*Horta da Vida: uma cartografia entre adolescentes em conflito com a lei e uma experiência educacional*” (UNIFESP, 2017). Durante o período de 2010 a 2012 fui professor de educação básica II (PEBII) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, regido pela contratação “Categoria O”. Fui designado pela Diretoria de Ensino Centro-Oeste para lecionar na Pasta Especial Fundação CASA e fui designado para a Unidade de Internação Vila Leopoldina. Este artigo busca articular pensamentos de Carvalho (2014a, 2014b) Gallo (2015), Deleuze e Guattari (2012a, 2012b, 2014), Foucault (2010, 2001), as experiências em educação realizadas junto aos jovens internados entre 2010-12 na Fundação Casa Vila Leopoldina e uma horta comunitária.
Palavras-chave: Fundação CASA; Deleuze e Guattari; educação.

Abstract: This article it’s inspired by the last movement of the master “*Garden of Life: a cartography in between the teenagers in conflict with the law and an educational experience*” (UNIFESP, 2017). During 2010-2012, I worked as a teacher at Secretariat of Education of the State of São Paulo. And I was designed to work at the *Fundação CASA* and I chose to go to the *Unidade de Internação (UI - Unity of Hospitalization) Vila Leopoldina*. This paper wants to combine the thoughts of Carvalho (2014a, 2014b) Gallo (2015), Deleuze e Guattari (2012a, 2012b, 2014), Foucault (2010, 2001), the educational experiences improved with the teenagers in conflict with the law living and arrested at UI Vila Leopoldina between 2010-12 at *Fundação CASA* and a community garden called *Horta da Vida* (Garden of Life).

Keywords: Fundação CASA; Deleuze e Guattari; education.

Soterramentos, raízes e ramificações – Como cultivar furos em muros?

*enquanto houver opressão, haverá resistência*²

canto primeiro

Durante o período de 2010 a 2012 fui professor de educação básica II (PEBII) da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, regido pela contratação “Categoria O”. Fui designado pela Diretoria de Ensino Centro-Oeste para lecionar na Pasta Especial “Fundação CASA”, que abrange a Unidade de Internação Vila Leopoldina e o complexo de internação Raposo Tavares.

canto segundo

Bons encontros que alargam a possibilidade de existir entre aqueles que se chocam. A vontade de potência das forças querendo sair de si, expandir sua força, provocando um transbordamento coletivo rumo a lugares desconhecidos. Vivi isto! Com outras pessoas, durante algum tempo, seguindo e não as premissas da educação na Fundação CASA.

¹ É Mestre em Educação (UNIFESP, 2017), bacharel em Ciências Sociais (PUC, 2013) e técnico em Artes Cênicas (INDAC, 2008) e publicou o livro de poemas *Cretino* (Ed. Patuá, 2013), colabora com ensaios, artigos e poemas nas revistas Alegria (SP), Texturas (SC), Córrego (SP) e Barril (BA). E-mail: rafaelimaogmail@gmail.com.

² Frase pixada no muro da Fundação CASA Vila Leopoldina em 2010.

canto terceiro

Qualquer coisa!

Som de muro caindo, porrada até não poder mais, som de muro caindo, porrada saindo pelo ladrão, som de colchão queimando, som de ferro estalando, som de risadinha embaixo do sol enquanto acaricia o manjerição, som de treta, som de saudade, som de funk cantado a plenos pulmões para o céu visto sem grades, som atormentando a noite.

Tormenta, resistência e assimilação.

Há aqui um trecho da cartografia de uma fuga em **dois** movimentos S.

1#Soterramentos - crônica à palo seco da *Horta da Vida*.

Em 2011, vivíamos em São Paulo e no Mundo sensações diferentes no ar dos movimentos sociais depois das ocupações de ruas e praças, como o Occupy Wall Street, Ocupacion de la Plaza del Sol, Ocupa Sampa³, Ocupa Rio, Ocupa Py... Constituíram-se novas conexões entre pessoas, instituições, ideias, comidas, acampamentos, livros, filmes, identidades de gênero provocadas por essas movimentações. Uma ocupação do Vale do Anhangabaú que durou 58 noites. Nesta ocasião estive em contato com ativistas, militantes, professores da escola formal e professores universitários e diversas pessoas engajadas em diversas formas de escape, desvio e resistência às capturas das máquinas capitalísticas da cidade de São Paulo.

Havia uma vontade de realizar algum tipo de encontro e acontecimento mais intenso com os jovens e com as pessoas que trabalhavam ali na FCASA, em que se observasse o céu sem intermédio de grades. Alguma forma de encontrar-se ali a céu aberto. Suspeitava que esse acontecimento poderia fomentar formas de relação que deslocariam os papéis já estabelecidos pela instituição.

Havia iniciado uma sementeira em 2011, com poucos recursos individuais e pouco ou nenhum apoio de professores, técnicos e Direção. Em 2012, comecei uma conversa com professoras, técnicos, seguranças e jovens da Fundação CASA sobre a continuidade e ampliação da sementeira. Um primeiro momento antes de uma horta. As sementeiras existem durante todo o período de um cultivo em horta. Ao mesmo tempo que se está cultivando alimentos na terra, com mudas já criadas, se está também cultivando as sementes na sementeira, para que essas se tornem mudas e sejam transferidas para a horta. Assim, sempre há sementes em cultivo e sempre há mudas em cultivo.

Todos os professores e professoras ficaram muito animados com a ideia de realizar a horta, ao mesmo tempo, ficaram receosos sobre o aceite da Direção da instituição. Estavam acostumados a receber muitos ‘nãos’ a muitas ideias e vontades de atividades. Eu sabia também que seria difícil para a instituição aceitar que dentro do programa de Sociologia, História, Geografia e Filosofia uma horta tivesse alguma justificativa conceitual. Conhecendo também a rotina da Unidade Vila Leopoldina, sabia que pela manhã a escola formal ocupava todo o horário dos Adolescentes e Funcionários, e pela tarde as atividades se repartiam entre oficinas profissionalizantes e culturais, atividade esportiva, atendimento técnico dentro e fora da Unidade.

Refleti que seria interessante cultivar essas sementes e essas ideias fora do horário da escola formal. Fazer desta atividade como algo fora do currículo e conteúdo. Deste modo não precisaria afetar o tempo de aula de outros professores e não precisaria justificar as causas e razões da horta dentro dos meus planos de aula. A sementeira começou a cavar um espaço e

³ Ver em <<https://ocupasampa.milharal.org/2011/11/>>. Acesso em: 15/01/2018.

tempo que não existia dentro das relações entre instituição, eu, jovens e profissionais da escola e da unidade.

Como a atividade estava em lugar nenhum, fora de todos os projetos ali da unidade, fora das oficinas oferecidas pelas ONGS (Horizontes, CENPEC, Ação Educativa, etc.), fora das atividades oferecidas pela igreja evangélica, pela escola, pela própria unidade, o projeto da horta/sementeira também não possuía recursos para custeá-la. Uma boa maneira que conseguir apoio dos funcionários para realizar a horta era integrando-os em seu embrião. Convidei a todas e todos para contribuir com a vaquinha da horta. Foi uma comoção geral, as pessoas ficaram muito empolgadas. Era como se aquilo fosse movimentar alguma coisa que eles não sabiam o que era, mas era esperada como uma tempestade no sertão.

Quando apresentei o projeto ao Diretor da Unidade, todos os funcionários já estavam comentando sobre o tipo de pimenta que gostariam de plantar, as variedades de manjeriço, as mudas que a tia da vizinha iria doar para horta, etc. Foi impossível ele negar o projeto, seria uma medida muito impopular. Aceitou, torcendo o nariz, e negando qualquer envolvimento ou apoio institucional. Eu sabia que havia algumas pás e enxadas guardadas dentro de um depósito mofado na caixa d'água da unidade. Pedi para usar essas ferramentas. Ele nem sabia da existência delas, mas autorizou.

Realizei as compras preliminares com o dinheiro que conseguimos da vaquinha dos funcionários e professores da Fundação CASA. Alguns quilos de terra adubada com insumo orgânico, algumas sementes de cenoura, manjeriço e pimenta, tela plástica trançada semitransparente e uma peneira.

Os primeiros encontros da Horta foram realizados dentro do convívio. O convívio é o espaço interno da unidade, com salas de aula, pátio, banheiros, refeitórios, alas e dormitórios. Fomos alocados dentro de uma das salas do convívio para nosso primeiro encontro. Todas as sementes, terra, material de trabalho (pás e bastões de madeira), papel, caneta, lápis, etc., foram revistados pela equipe de segurança: sem novidades, entramos com nosso material.

O convite para os jovens foi bem aberto e livre. Anunciei a ideia e perguntei quem estaria interessado em participar e construir essa horta. Alguns se interessaram e outros não. Estávamos vivendo um momento de organização por Alas na unidade. Ala A, os adolescentes com bom comportamento e projeto de vida; Ala B, os adolescentes em desenvolvimento e construindo um projeto de vida; e Ala C, os adolescentes que ainda não têm um projeto de vida e comportamento indócil às prerrogativas da Fundação CASA.

Jovens de diferentes Alas aderiram ao projeto da Horta.

Éramos 27 adolescentes e eu. Juntos somávamos 30% da população de jovens internados. Éramos uma pequena multidão de pessoas mexendo na terra, lendo embalagens de sementes e conversando sobre outras experiências com plantas. Foi um encontro muito bom e festivo. Os jovens quando ficavam à vontade nas aulas e neste encontro começavam a cantar e dançar entre uma coisa e outra que se tinha que fazer. Foi uma condução muito fluida sobre como começar a plantar aquelas sementes. Não se tratava na verdade de como plantar as sementes das plantas e sim em como criar nossos vínculos e laços, como plantar a ideia que estávamos desejando realizar.

A conversa aconteceu em torno do tema 'comida das Mães, Tias e Avós'. Os temperos que elas utilizavam, os aromas, os chás, os unguentos, as bruxarias, etc., além de alguns trabalhos sazonais e informais que alguns haviam realizado em suas histórias capinando mato, arando terra e colhendo frutos.

O segundo encontro e a continuidade do trabalho na sementeira foi realizado três vezes na semana, no contra turno da escola, com duplas de adolescentes. A sementeira foi instalada do lado de fora do convívio, ao lado do prédio da Administração, em um gramado mal cuidado, onde havia uma quantidade de sol interessante para as sementes: sol intenso de manhã com sombreamento à

tarde. O Prédio da Administração fica em um setor separado do Prédio do Convívio. O prédio do convívio é cercado por muros em todos os lados. Uma grande caixa retangular de concreto coberta ou por telhas de ferro ou por grades de ferro, cercada por uma outra grande caixa de concreto (os muros), só que sem cobertura. O prédio administrativo é composto por quatro construções: a) prédio central térreo com salas técnicas, sala da direção, banheiros, refeitório para funcionários, cozinha industrial, lavanderia industrial e sala de professores; b) prédio-portaria térreo para carros e pedestres; c) uma cela-solitária térrea separada de todos os prédios para casos emergenciais ou tortura; d) caixa d'água de concreto, uma construção cilíndrica e alta (cerca de 4 andares), em que no térreo havia um depósito para os materiais da horta.

Neste período, estavam acontecendo tensões entre as vontades de governo da instituição e as vontades de poder da 'visão' (organização político-discursiva dos jovens). Essa disputa por saber quem se apoderará das técnicas e dispositivos de poder, é jogada internamente e externamente: a) internamente, com 1) jovens inquirindo jovens sobre a verdade da 'visão' e 2) funcionários inquirindo funcionários, sobre a lealdade aos procedimentos e regras de funcionamento da Unidade; b) externamente, 1) jovens inquirindo funcionários, utilizando violência e coação física sobre o que a instituição está organizando como estratégia de dominação e 2) funcionários inquirindo jovens com violência e coação física sobre o que o PCC e a Faxina estão organizando como ataque à instituição. Todos obrigados a falar a verdade por todos os lados sob risco de castigo e premiação, comenta Foucault (2010b):

somos forçados a produzir verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O Poder não para de questionar, de nos questionar, não para de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele afinal de contas, temos de produzir riquezas, temos que produzir as verdades para produzir riqueza (FOUCAULT, 2010b, p. 22).

Elegeu-se pela superintendência da Fundação CASA outro diretor.. Um legítimo carreirista! Havia passado por todos os cargos do Setor da Segurança, desde os mais rasos, como agente de apoio socioeducativo - o carcereiro, até supervisão e coordenação da mesma equipe de agentes de apoio socioeducativo. Foi uma grande vitória para a categoria de funcionários, vibraram em ter como chefe/diretor um pária, alguém como eles. Alguém que conhecia a Lei e a Ordem nas suas reentrâncias, alguém que viveu diversos pontos da máquina. Ou que se apodera do saber da Lei e da Ordem para fazer acontecer suas vontades de poder e suas práticas de castigo. Comenta Deleuze e Guattari (2014) sobre:

a lei como pura forma vazia e sem conteúdo, cujo objetivo permanece irreconhecível: a lei não pode, portanto, enunciar-se a não ser em uma sentença, e a sentença não pode se apreender senão em um castigo (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 81)

Essa tensão, essa disputa pela ordem do discurso na CASA cria uma série de mesas de negociações sobre: horários de banho de sol, proibição e permissão de roupas, cortes de cabelo, comida, cigarro, maconha, cocaína, atividades externas, passeios, atividades extracurriculares, etc. Neste cenário de negociações e permissões/interdições, foi preciso justificar a continuidade da horta e elaborar um projeto que fomentasse sua discussão pedagógica e social. A esta exigência, respondi com outra: demandei um espaço ampliado para o cultivo da horta.

Junto com os adolescentes conversamos e expliquei que precisávamos de uma justificativa para continuar plantando naquele chão. Surgiu a ideia de presentear as Mães dos

adolescentes com os temperos que eles estavam plantando na Fundação CASA. Essa ideia foi estrondosa e sabíamos que, como diziam eles, ‘com a mãe do outro não se mexe’. Criamos um nome para a horta, já que não havia nenhum: *Horta da Vida*.

Ganhar espaços maiores de terra, de ar, de viver, de estar juntos. Ter tempo, ferramentas e recursos humanos para trabalhar. Para criar o canteiro de plantio foi preciso dois dias de trabalhos coletivos e horizontais, cada dia com 15 jovens, mais ou menos.

Ao dia 02 de fevereiro de 2012 foi entregue o um projeto para a Direção da Unidade e para a Coordenação Pedagógica. Como prometido no projeto, haveria uma Lista com os nomes de quais adolescentes participariam da atividade e qual data. Estávamos vivendo um movimento de *estriamento* pela instituição. Até esse momento, andávamos pela informalidade e fora dos procedimentos formais para se atravessar os espaços dentro da Fundação CASA. Vivíamos um processo de *alisamento* e de criação de espaço liso. Sobre liso e estriado:

O espaço liso e o espaço estriado, - o espaço nômade e o espaço sedentário, - o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, - não são da mesma natureza (...) o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 192).

A *horta da vida* passou a fazer parte das estruturas pedagógicas e a ter um procedimento normalizado de tempo de fruição, quantidade de adolescentes, quantidade de visitas semanais à *horta*, etc. O aparelho de Estado estriando e domesticando uma prática que deslizava entre as normativas da instituição. No entanto, esses processos não são nunca definitivos, o estriado é entregue novamente ao liso. Comentam os autores:

Nunca nada se acaba: a maneira pela qual um espaço se deixa estriar, mas também a maneira pela qual um espaço estriado restitui o liso, com valores, alcances e signos eventualmente muito diferentes. (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 198).

Enquanto as atividades extracurriculares eram dedicadas apenas aos adolescentes da Ala A ou Ala B; para a *horta da vida* participavam adolescentes de todas as Alas - inclusive da Ala C. Deste modo, a *horta da vida* desterritorializou essa codificação atribuída aos jovens, entre Ala A, B e C, ou, Jovens com Bom Comportamento (A), Jovens com Comportamento Mediano (B) e Jovens Sem Comportamento Adequado (C).

Vivemos um período de expansão das fronteiras da horta de fevereiro até junho. Comecei a organizar alguns mutirões de trabalho, com 10 adolescentes, às vezes, 15 adolescentes, na horta. O terreno ocupado pela horta na foto acima ampliou-se 10 vezes. Criamos grandes canteiros de cultivo.

Combinamos que a cada vez que uma dupla fosse para a horta deixaria um registro escrito em um caderno. Assim teríamos um registro no tempo, para saber do tempo de crescimento das plantas e também ajudaria a guiar o que a dupla seguinte precisaria fazer, para não precisar refazer trabalhos já feitos por outros. Podiam também escrever as impressões e outras coisas que se quisessem; qualquer coisa que lhes viesse à mente.

De fevereiro até junho as idas para a *horta* eram muito prazerosas. Em alguns dias trabalhávamos muito na terra, limpávamos bem o terreno, retirávamos as gramíneas, as pedras. Com as pedras arrancadas construimos caminhos entre um canteiro e outro. Dias de muito suor. Outros dias, íamos para a *horta* para conversar, sentávamos em frente a ela, na sombra da caixa

d'água, e conversávamos. Sobre qualquer coisa, sobre tudo, sobre nada. Havia ali um espaço em que eu e eles não éramos mais professor e alunos, éramos uma outra relação. Podíamos olhar para o céu e não havia grades.

Em alguns desses encontros os funcionários terceirizados de segurança⁴ também passavam alguns momentos sentados em frente à *horta*. Iam, sentavam-se, ficavam às vezes em silêncio, às vezes comentavam sobre alguma espécie que crescia ali em nossa horta.

A *horta* passou a ser um lugar de convívio na Unidade. Mesmo quando não havia ali jovens trabalhando na terra, havia funcionários técnicos e administrativos. Às vezes descansando na sombra da caixa d'água, às vezes colhendo alguma salada e tempero, às vezes, apenas estando ali. Havia alguma força em estar apenas ali em meio àquela quantidade interminável de concreto e pedra.

Hoje graças a deus eu podi sair la pra fora na horta e podi respirar um ar diferente (...) eu nunca tive contato com uma horta e isso foi diferente (W. V.)
Há sensação de olhar o ceu sem grade foi muito bom e sentir o cheiro das folhas verdes (L. C.)

Olhando o céu me senti tando lá fora. (M.)

É sempre bom sair da rotina e respirar um ar puro (V. S.)

Foi a primeira vez que voltei na horta depois que ajudei a plantar, cresceram estão forte e já estão dando frutos, o tomate por exemplo (W. W.)

Gostei de ter ido na horta, essa foi uma experiência boa para mim, coloquei até palha na terra (L. R.)

Foram frequentes os momentos em que saía com os adolescentes para ir a *horta* e quando lá chegávamos encontrávamos o psicólogo que lhes atendia, ou o médico que lhes receitava remédio, ou a assistente social que lhes garantia documentação e registro, ou o segurança que lhe agredia e xingava. Eram situações completamente novas para todos os lados: os adolescentes chegavam até a horta sem algemas, sem horário marcado, sem um formulário técnico que orientasse a conversa entre técnicos e jovens. Algumas outras conversas passaram a acontecer: futebol, céu, as plantas, comida, o dia, o clima, a roupa, o calor, o frio, etc.

Voltamos para a *horta* e era próximo já do período de férias escolares, final de junho. As mudas foram em sua maioria transplantadas. Saímos de férias, todos os professores e deixamos a *horta* aos cuidados dos funcionários da FCASA.

Ao voltarmos depois de quase um mês de férias o cenário da unidade estava mais conturbado. O período de férias é sempre complicado para as gestões das unidades. Nestes períodos, parceiros como a Escola Regular e ONGs se afastam do trabalho e fica mais difícil para a Direção das unidades ou para os Pilotos da Faxina manter os adolescentes ocupados e como diziam tanto adolescentes como funcionários 'mente vazia, oficina do diabo'.

Haviam acontecido alguns conflitos que não eram claros para os professores. Os detalhes nunca foram disponibilizados. Alguns jovens foram rebaixados da Ala A para Ala B e outros da Ala B para Ala C. Havia um adolescente na cela solitária, bem próximo à *horta*. De agosto em diante só poderiam participar do projeto da *horta da vida* os adolescentes da Ala A, como forma de premiação pelo bom comportamento na FCASA. Essa mudança foi muito cruel para muitos jovens que estavam muito envolvidos com o processo de cultivo das relações e da horta.

Seguimos trabalhando.

⁴ A segurança patrimonial, *Albatroz*, é responsável pelos portões e gaiolas. Eles não entram muito em contato com os jovens internados, não são responsáveis por negociações ou relatórios. São executores dessas funções de portão e portas.

As tensões entre adolescentes e funcionários acirravam a cada dia mais no cotidiano da unidade. Pequenas discussões. Alguns gritos.

Um dia, estava em uma aula de Sociologia quando um agente de apoio socioeducativo invadiu a sala de aula, aos berros, e se atirou em cima de um adolescente. Começou um empurra-empurra. Eu, sem muita reflexão, me atirei no meio dos dois e pedi calma e exigi a retirada do agente de apoio socioeducativo da minha sala de aula, imediatamente. O agente de apoio socioeducativo respondeu com xingamentos e ameaças a mim, ao que eu também respondi com xingamentos e ameaças. Um tumulto se configurou em torno de nós dois. Adolescentes se amontoaram em volta dos dois. Quando o agente percebeu que o humor dos adolescentes estava ficando cada vez mais sanguíneo e ele estava com pouco apoio no pátio interno, ele escapou por uma grade (da qual ele possuía a chave).

Os jovens ficaram possessos e começaram um processo de rebelião. Pediram que nós professores saíssemos da Unidade imediatamente e iniciaram uma rebelião que durou 7 dias. Durante esses 7 dias, qualquer professor foi impedido de entrar na FCASA. Ou mesmo se aproximar.

Havia um ainda em solitária do lado de fora da unidade – em frente à horta. Sempre muito amável com os cuidados e tratos da terra.

Tudo foi televisionado⁵.

No 7º dia, a Tropa de Choque mais o Grupo de Operações Especiais da Polícia Militar encerraram a rebelião. No fim da tarde do mesmo dia a Superintendente da FCASA, junto com os comandantes da PM, estavam dando declarações de que a situação havia sido normalizada. Disse o jornal virtual R7:

Segundo a Fundação Casa, o motim teve início depois que um interno entrou em luta corporal com um dos funcionários, em uma sala de aula. A Corregedoria da Fundação Casa vai abrir uma sindicância para investigar o motivo da rebelião.⁶

Quando retornamos para o trabalho na FCASA, só tínhamos acesso ao prédio administrativo. Recebemos orientações de corrigir trabalhos e provas até que se pudesse retornar para o convívio. Não poderíamos ter contato com nenhum adolescente e não havia estrutura para se ministrar aulas também.

A *horta da vida* foi soterrada com os entulhos retirados de dentro da unidade: placas de ferro amarela, grades, cadeiras de sala de aula, concreto dos muros, pedras, telhas, colchões e roupas queimados, etc.

2#Traços para a composição de uma paisagem do campo de experimentos em educação, política e escapes.

Vivemos um tempo de rostos dóceis, conhecidos e seriados. Série indigente, série trabalhador, série dona de casa, série delinquente, série policial, série evangélico, série engajada, etc. Os rostos são todos cadastrados e incentivados a se publicar, diversas formas de uma pangrafia dos sujeitos, atualizada e ampliada: além dos formulários das escolas, hospitais, carteiras de documento, hospícios e prisões; atualizamos essa necessidade de declarar o rosto

⁵ PORTAL G1. *Reféns são liberados e termina rebelião na Fundação Casa*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/09/refens-sao-liberados-e-termina-rebeliao-na-fundacao-casa.html>>. Acesso em: 15/01/2018.

⁶ PORTAL R7. *Internos fazem rebelião na Fundação Casa da Vila Leopoldina*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/internos-fazem-rebeliao-na-fundacao-casa-da-vila-leopoldina-20120912.html>>. Acesso em: 15/01/2018.

de nós mesmos nas redes sociais, nas fotos de tipo selfie, bancos de dados de megastores, locadoras de vídeos, carros, hotéis, etc. O sem rosto, o não identificável, o não codificado, são ameaças, escapes, fugas, experimentações indesejáveis e, ao mesmo tempo, pululantes.

Deleuze e Guattari (2012b) pensam as molaridades, linhas duras e segmentadas, operando em conjugação e, ao mesmo tempo, em conexão com fluxos de quanta, moleculares. Campo possível para linhas de fuga inventarem caminhos inusitados em variação contínua. Comentam essa relação:

As fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos. (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 104).

Carvalho (2014a) aponta para uma paisagem em que o educador, na *função-educador*, pode inventar um lugar para realizar suas práticas. Essa invenção conecta as posições e funções já constituídas pela escola de forma molecular e inaugura possibilidades de fuga e escape. Comenta:

A função-educador pode ser pensada como um tipo singular de posição de um sujeito no interior de uma sociedade, relacionando-se direta e indiretamente com determinados dispositivos, táticas e estratégias de poder-saber, que fazem circular um conjunto de verdades. (CARVALHO, 2014a, p. 80)

Gallo (2015) pensa a escola para além da sombra da vigilância, além do vigiar e punir. Faz esforços em colocar a possibilidade das *heterotopias* no ambiente escolar. Espaço e tempo heterotópicos. Ao observar a experiência *Horta da Vida* na Fundação CASA, pode-se afirmar que ela constitui uma experiência *heterotópica*, uma prática criando um *fora* estando *dentro*. O autor comenta essa relação espacial com as heterotopias:

Foucault começa por colocar a questão do espaço e os modos pelos quais nós os vivemos. Faz uma distinção entre o espaço do ‘dentro’ e o espaço do ‘fora’; o primeiro é o espaço em que vivemos, o outro é o espaço que não vivemos. (GALLO, 2015, p. 439).

As utopias são espaços outros, mas da ordem do irreal. São posicionamentos sem lugar real (FOUCAULT, 2001, p. 414). Já as heterotopias acontecem em lugares reais, precisam estar aí para existir, são espaços outros que se constituem no agora. São bolsões de fora que se criam dentro do dentro. Um alisamento de um território estriado. Comentam os autores sobre liso e estriado em relação à música.

Para voltar a oposição simples, o estriado é o que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formar distintas, organiza as linhas melódicas horizontais e os planos harmônicos verticais. O liso é a variação contínua, é o desenvolvimento contínuo da forma, é a fusão da harmonia e da melodia em favor de um desprendimento de valores propriamente rítmicos, o puro traçado de uma diagonal através da vertical e horizontal. (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 197)

Um efeito próximo ao que Deleuze chamou de gagueira em relação à linguagem e que produz:

É o que acontece quando a gagueira já não incide sobre palavras preexistentes, mas ela própria introduz as palavras que ela afeta; estas já não existem separadas da gagueira que as seleciona e as liga por conta própria. (...) Uma linguagem afetiva, intensiva, e não mais uma afecção daquele que fala. (DELEUZE, 2011, p. 138)

Uma espécie de uso menor da linguagem, de uso menor da prática educacional, da oportunidade do encontro. Também comentado em relação a Kafka por Deleuze e Guattari (2014):

Servir-se do polilinguismo em sua própria língua, fazer desta um uso menor ou intensivo, opor o caráter oprimido dessa língua a seu caráter opressivo, achar os pontos de não cultura e de subdesenvolvimento, as zonas de terceiro mundo linguísticas por onde uma língua escapa, um animal se enxerta, um agenciamento se instala. (DELEUZE E GUATTARI, 2014, p. 53).

Se as atividades desenvolvidas pelos professores dentro da FCASA, como observado e demonstrado ao longo do trabalho, servem a um Diagnóstico Polidimensional que determina um Plano Individual de Atendimento (ANEXO X), que por sua vez respalda a decisão judicial de manutenção ou extinção da pena, essas atividades fazem parte do polo de poder da instituição. Um polo de poder que funciona mais como uma caixa de ressonância que faz *conjurar* os fluxos e linhas segmentárias do atendimento socioeducativo. Sejam essas atividades promovidas por ideias socialistas, neoliberais ou tecnicistas, todas acionam parte do dispositivo de reintegração, reinserção, reprogramação, reterritorialização, recodificação das crianças e adolescentes.

Poderíamos colocar a experiência da *horta da vida* como produtora de linhas de fuga nas relações entre os sujeitos deste campo; poderíamos analisar a experiência como parte de um fluxo *quanta* da máquina Fundação CASA.

Eis como se poderia distinguir a linha de segmentos e o fluxo de *quanta*. Um fluxo mutante implica sempre algo que tende a escapar aos códigos não sendo, pois, capturado, e a evadir-se dos códigos, quando capturado; e os *quanta* são precisamente signos ou graus de desterritorialização no fluxo descodificado. Ao contrário, a linha dura implica um sobre-codificação que substitui os códigos desgastados e os segmentos são como que reterritorializações na linha sobre-codificante ou sobre-codificada. (DELEUZE E GUATTARI, 2012b, p. 108).

Para além de conteúdos programáticos da escola regular e conhecimentos da agroecologia, estávamos mais interessados na constituição de nós mesmos, não como identidades, mas como uma maneira de estar no mundo, consigo e com os outros. Em ressonância ao pensamento de Foucault sobre a constituição de subjetividades “*uma ética de si, a possibilidade de ações pedagógicas como subjetivação, constituição de si mesmo.*” (GALLO, 2015, p. 435). Diferente da constituição de indivíduos, que “*em termos disciplinares, os indivíduos são preparados para se ajustar às funções sociais excludentes, mas que os inclui no rol dessas mesmas categorias excludentes.*” (CARVALHO, 2014b, p. 196).

A *horta da vida* foi soterrada.

Novamente transformada em chão.

Uma sobre-codificação de um fluxo de *quanta*, que compõe as conjugações deste aparelho de Estado, a Fundação CASA. Suas reverberações e ressonâncias se prolongaram pelo ar até a escrita deste texto. A potência do encontro acontecido naquele período proporcionou as reflexões, análises, observações, memórias traçadas neste escrito.

Penso que a *horta da vida* operou uma amputação (DELEUZE, 2010, p. 29) na superfície do pensável das ações pedagógicas e políticas na Fundação CASA Vila Leopoldina. Conexões inusitadas foram traçadas dentro da dinâmica esquadrihada dos Planos de Atendimento Individuais e da Matriz Multiprofissional. Sobretudo, inaugurou lugares ainda não povoados para os educadores, seguranças, técnicos e jovens experimentarem outro tipo de sociabilidade, uma sociabilidade outra.

Provocar ações no espaço educacional que fomentem uma constituição de si como potência de invenção e criação em tensão com o assujeitamento dos processos de constituição de um sujeito subjetivado. Carvalho (2014a) questiona como descontinuar se sujeito já é um ser aí na história? E investiga a possibilidade de

Pensar como, no lugar do sujeito ser objetivado a partir de forças postas para a sua constituição, para a formação de sua subjetividade, ele poderia, ao contrário, tomar o seu próprio ser como transformação constituída a partir de si mesmo, sob o horizonte de outras ligações de forças. (CARVALHO, 2014a, p. 112).

Em suma, esse texto é uma tentativa de colaborar para a invenção de novas conexões desvairadas dentro do edifício tão sólido e solidificado das práticas educativas e das filosofias da educação.

No mais, é uma estranha canção ouvida de passagem cantada por passarinhos menores em constante migração para qualquer lugar.

Referências

CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Foucault e a função-educador*. São Paulo: Ed. Unijui, 2014a.

_____. Foucault e a crítica à institucionalização da educação: implicações para as artes de governo. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 103-120, 2014b.

DELEUZE, Gilles. *Sobre teatro: um manifesto do menos; o esgotado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento das prisões*. Tradução de Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010a.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

GALLO, Silvio. Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância. In: CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Silvio (Org.). *Repensar educação: 40 anos depois de vigiar e punir*. São Paulo: Ed. da Física, 2015.

RACIONAIS, MCs. *Tá na chuva*. São Paulo, 2009. 1 CD. Faixa 07. Disponível em: <<https://ocupasampa.milharal.org/2011/11/>>. Acesso em: 15/01/2018.

PORTAL G1. *Reféns são liberados e termina rebelião na Fundação Casa*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/09/refens-sao-liberados-e-termina-rebeliao-na-fundacao-casa.html>>. Acesso em: 15/01/2018.

PORTAL R7. *Internos fazem rebelião na Fundação Casa da Vila Leopoldina*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/internos-fazem-rebeliao-na-fundacao-casa-da-vila-leopoldina-20120912.html>>. Acesso em: 15/01/2018.